



**REQUERIMENTO Nº            DE 2019.**  
(Dos Srs. Pompeo de Mattos e outros)

**Requer a realização de Sessão Solene em homenagem a Leonel de Moura Brizola, que completa 15 anos de falecimento em 21 de junho do decorrente ano.**

Senhor presidente,

Requeiro a Vossa Excelência, nos termos art. 68 do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, a realização de Sessão Solene no mês de junho de 2019, mais precisamente no dia 19, quarta-feira, em homenagem aos 15 anos de falecimento de Leonel de Moura Brizola.

**JUSTIFICATIVA**

Nascido em 1922, no povoado de Cruzinha, pertencente ao município de Passo Fundo, e hoje Carazinho, estudou engenharia, ingressou no recém-fundado Partido Trabalhista Brasileiro- PTB -, em agosto de 1945, para apoiar a política social de Getúlio Vargas. Vinha de uma dura vida - infância pobre, trabalhando para estudar – o que o identificava com a classe trabalhadora.



No curso de suas lutas, Brizola cresceu e se afirmou como principal líder brasileiro de esquerda. Como tal, convocou as forças progressistas a se unirem a ele, numa Frente Nacional de Libertação, para as lutas anti-imperialistas de combate à espoliação estrangeira e ao latifúndio improdutivo. Tal era então seu prestígio que, mantendo-se no governo do Rio Grande do Sul, se candidatou a Deputado Federal pelo Rio de Janeiro, alcançando a maior votação registrada na história brasileira.

No Parlamento, Brizola se tornou o líder das esquerdas e o principal coordenador do grupo de pressão sobre Jango na consecução das reformas de base, principalmente a reforma agrária, que a seu ver devia ser feita "na lei ou na marra". Articulou a Frente de Mobilização Popular, integrada pela Frente Parlamentar Nacionalista, pela UNE e pela CGT, e apoiada pelas principais lideranças de esquerda, inclusive por Prestes, Arraes e Julião. Surgiu, assim, o que Santiago Dantas chamou de "esquerda negativa", para contrastar a combatividade das forças lideradas por Brizola, com o caráter persuasório do movimento que apoiava o Presidente João Goulart na sua política de reformas.

Desde então, as forças progressistas se bipartiram. De um lado, o governo lutava pelas reformas fundamentais que considerava possíveis, e que eram vistas pela direita como tão avançadas que a unificavam e lançavam no golpismo contra revolucionário. Do outro lado, Brizola utilizava intensa e vivamente o rádio e percorria todo o Brasil em pregações, mobilizando o povo para forçar as reformas estruturais. Simultaneamente, organizava seus seguidores em "Grupos de Onze", semelhantes às células comunistas, estruturando-os em seus locais de moradia e de trabalho para o ativismo político radical.

Nesse ambiente é que se desencadeou o golpe militar de 1964. Jango o enfrentou pelo diálogo, negociando com os chefes militares, mas negando-se a dar ordem de combate contra as forças sublevadas. Brizola



articulou no Rio Grande do Sul um movimento de resistência armada, ao lado do general Ladário, Comandante do 3º Exército. Jango desembarcou em Porto Alegre a 2 de abril, desautorizando a resistência armada. Optou pelo exílio na Uruguai.

No exílio, Brizola prosseguiu no esforço de organizar a luta armada contra a ditadura militar. Mas a ditadura se consolidou, tornando cada vez mais inviável aquela estratégia de lutas. Mesmo isolado na campanha uruguaia, tão grande era seu prestígio político e tão decisiva continuava sua influência sobre as eleições do Rio Grande do Sul que, em setembro de 1977, a ditadura militar obrigou os governantes uruguaios a decretarem a expulsão de Brizola, dando-lhe o prazo de cinco dias para sair do país.

Foi em Lisboa, Portugal, que aproximou-se da Internacional Socialista através do patrocínio de Mário Soares, sendo recebido, na qualidade de iminente estadista, por diversos governantes europeus, tais como Mitterand, Olav Palm e Willy Brandt.

Em julho de 1978, Brizola realizou em Lisboa um encontro de trabalhadores e socialistas brasileiros com o propósito de fazer renascer o PTB, com um grande número de trabalhadores do Brasil e do exílio para concretizar aquele projeto. Foi aprovada, então, a Carta de Lisboa, com os princípios programáticos que deveriam regar o novo PTB, assentados na representação popular, no pluripartidarismo, no nacionalismo getuliano, no sindicalismo moderno e no desenvolvimento capitalista, orientado pelo Estado.

Promulgada a anistia, Brizola retornou ao Brasil, e ao perder a sigla PTB, criou o Partido Democrático Trabalhista – PDT, e em sua liderança retomou a militância política, cercado pelos velhos companheiros do trabalhismo e nacionalismo de Vargas, e do reformismo de Jango.



Na luta política brasileira, Brizola destacou-se como o principal adversário do governo militar em declínio, com tão grande apoio popular que foi eleito Governador do Rio de Janeiro. É o único caso em nossa história em que um político, já tendo sido governador, consegue eleger-se por outro estado.

Anos depois, Brizola pôde escolher se queria reeleger-se pelo Rio Grande do Sul ou pelo Rio de Janeiro, tão evidente era o desejo do eleitorado dos dois estados de reconduzi-lo ao ser governo.

Estamos carentes de seu carisma, da postura coerente e ética e de seu jeito peculiar e corajoso de encarar os desafios. Por outro lado, nos deixou inúmeros legados e mostrou-nos caminhos a trilhar. Talvez o principal deles tenha sido sua obstinação pela educação com qualidade, pública e acessível a todos.

Em sua biografia está gravada para sempre a construção e equipação de 6.302 escolas, entre 1959 e 1961, para abrigar o plano de escolarização que arrancou os gaúchos do analfabetismo e jogou o Rio Grande do Sul na vanguarda da educação brasileira, fazendo a diferença que até hoje orgulha os gaúchos.

Levou os Cieps aos morros cariocas, decretando que lugar de criança era na escola, com aprendizado, atenção à saúde, esporte, alimentação, durante todo o dia. Infelizmente, Brizola não conseguiu transformar seu sonho em esperança nacional. Não chegou à Presidência da República, mas entrou para história, com honra e dignidade, como aquele que mais lutou para que todas as crianças brasileiras tivessem a mesma oportunidade. Uma luta árdua e emocionante, bem ao estilo do que foi a própria vida de Brizola.

Brizola tinha uma cultura histórica oral impressionante, e tinha um conhecimento invejável da nossa história. Apesar de falar apenas o espanhol conseguiu comunicar-se às mil maravilhas e seduzir instantânea e permanente



homens como Willy Brandt, François Mitterand, Olaf Palme e, o amigo de sempre, Mario Soares.

Sabia Brizola que, para transformar o País, era necessário investir na educação, nas crianças, nos jovens, na formação de um novo futuro para este País. E é por isso que o líder Leonel Brizola, seja como Governador do Rio Grande do Sul, seja como Governador do Rio de Janeiro, seja como Deputado Federal, sempre teve na Educação uma das suas principais bandeiras políticas.

Considerando toda importância de Leonel Brizola para o povo gaúcho, carioca e brasileiro, nada mais justo que esta Casa realize esta solene homenagem em memória aos 15 anos de falecimento, que se completarão no próximo dia 19 de junho.

Sala das Sessões,                      de fevereiro de 2019.

**POMPEO DE MATTOS**  
Deputado Federal  
PDT/RS